

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

ANA MARGARIDA FERREIRA (Coord.), *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Edição do Instituto Português de Museus, Castelo Branco, Dezembro de 2004. 261 pág. ISBN: 972-776-257-3.

Só mui recentemente tive conhecimento desta notabilíssima publicação; contudo, apesar do atraso de quase quatro anos, afigura-se-me de muito interesse redigir sobre ela esta breve nota, no ano em que se comemorou com um «congresso internacional» (Castelo Branco, 17-19 de Abril de 2008) o centenário do museu que tem o seu nome.

Antes, porém, de dar a panorâmica do que este catálogo apresenta, importa tomarmos consciência de que o Homem que está no centro do que nele se trata, Francisco Tavares Proença Júnior, apenas viveu 33 anos, de 1883 a 1916, «um jovem», como se escreve na 4ª capa do volume, «que realizou o seu percurso de arqueólogo entre os vinte e os vinte e oito anos de idade, um percurso interrompido subitamente por um exílio político “quase” incompreensível, seguido de morte prematura».

Aliás, essa síntese aí destacada merece atenção, pois regista, em traços muito claros, o perfil do arqueólogo do seu tempo e constitui, por isso, exemplo a não olvidar:

«No contexto regional, realizou aquilo que era considerado o programa completo da arqueologia portuguesa – o modelo definido por Estácio da Veiga: fez prospecções, escavações, esboçou uma carta arqueológica do distrito, fundou um museu e publicou uma revista científica. No âmbito internacional, apresentou comunicações – umas monográficas outras de síntese de problemáticas nacionais – e representou o País».

Como acontece sempre, «foi mais cedo reconhecido no estrangeiro do que em Portugal»...

Justifica-se, pois, este pesado e mui denso volume, que se deve ao dinamismo da então directora do Museu, Ana Margarida Ferreira, formada em Arqueologia e em Assuntos Culturais na «escola de Coimbra», que soube reunir, em torno do projecto, os melhores especialistas que poderiam, através dos seus escritos, realçar as virtualidades da investigação levada a cabo pelo jovem patrono do seu Museu.

E, assim, o volume – que traz, na ficha técnica, a informação tripartida da homenagem (o catálogo, a exposição e o filme) – apresenta, na sua primeira parte, valiosa síntese acerca da Arqueologia no distrito de Castelo Branco: passado, presente e futuro. A segunda é o magnífico catálogo, mui cuidadosa e excelentemente ilustrado com fotos (amiúde a cores e sempre de muito boa qualidade), de um acervo notável, que desta forma exaustiva se dá a conhecer.

E, já que se fala em ilustrações, não será pecado olharmos primeiro para a que foi escolhida para a capa, de que a legenda apenas nos elucida que é um pormenor (a foto completa vem na p. 261) e que pertence a uma colecção particular: trata-se de uma fruste peça pré-histórica (machado), atada com um cordel. Um símbolo, sem dúvida, de como se trabalhava, então, na inventariação dos materiais. Aliás, tudo na obra (apesar da dificuldade que o formato impõe ao seu cómodo manuseamento...) foi cuidado ao pormenor: a sugestiva apresentação do índice, os desenhos, as bonitas páginas de cortina... a merecer encómios Vera Velez, responsável pelo design gráfico.

Em traços muito gerais, dê-se uma ideia do conteúdo dessa primeira parte, cujo valor nunca será de mais salientar:

– Carlos Fabião traça a biografia do arqueólogo Francisco Tavares Proença Júnior (p. 12- 27);

– Francisco Henriques e João Carlos Caninas abordam o que foi a actividade de Proença Júnior no âmbito do megalitismo da região (p. 28-35);

– Jorge Oliveira encara, também ele, a problemática do megalitismo, mas alargando-a a todo o distrito e aos cem anos que já passaram sobre essa actividade (p. 36-41);

– João Luís Cardoso mantém-se na reflexão sobre esse período histórico, cingindo-se, porém, às práticas funerárias «do Sul da Beira Interior» (p. 42-45);

– Coube a Jorge de Alarcão gizar a panorâmica do que se sabe acerca da ocupação humana desde a Idade do Bronze Final ao Período Suévico, no distrito (p. 46-53);

– Raquel Vilaça especifica o que foi o Monte de S. Martinho na Idade do Bronze (p. 54-61), monte cujos «cem anos de investigações arqueológicas (1903-2003)», José Cristóvão abordará, por seu turno, mais adiante (p. 80-85), uma quase monografia, que se justifica pela importância que o sítio inegavelmente detém;

– Voltamos a ter a colaboração de Carlos Fabião nas p. 62-72, agora sobre «o tesouro de prata de Monsanto da Beira, Idanha-a-Nova»;

– Amílcar Guerra tece oportunas considerações acerca dos «materiaes» epigráficos dados a conhecer por Proença Júnior (p. 73-79) e serão também de sua autoria as fichas respeitantes ao material epigráfico do museu, que, desta sorte, tem aqui adequada revisão;

– M. Varela Gomes faz o estudo de um touro de bronze da Serra de Oleiros» (p. 86-89);

– Ana Catarina Sousa apresenta «velhos dados, novas leituras» da necrópole do Neolítico Final de Pragais (Porto de Mós) (p. 90-111), cujos vestígios osteológicos são analisados, a seguir (p. 112-117), por Ana Maria Silva.

– Virgílio Hipólito Correia e Ida dos Santos Buraca dão conta dos materiais provenientes de Conimbriga que estão na colecção do Museu (p. 118-121);

– Luís Raposo observa as «colecções paleolíticas francesas» que F. Tavares Proença Júnior trouxe para o seu museu (p. 122-135).

O catálogo propriamente dito abre com as sínteses, da autoria de J. Caninas e F. Henriques, subordinadas ao tema genérico «Arqueologia do distrito de Castelo Branco» e em que se fala da Anta da Urgueira, da necrópole dolménica do Ponsul, da Anta Grande de Medelim e da colecção de instrumentos de pedra polida (p. 138-139).

Explicita-se, na p. 140, a estrutura de cada ficha (muito completa, em que a única objecção que ponho é a de que preconizo a colocação da bibliografia sempre por ordem cronológica e não pela ordem alfabética do nome dos autores, pois se me afigura essa sequência muito mais lógica, dado que estamos a referir quem, um após outro, estudou uma peça).

São, depois, 320 peças, bem descritas e ilustradas, algumas das quais, pela sua importância documental, ‘obsequiadas’ com um estudo mais pormenorizado (devidamente assinado), o que é de muito louvar.

Segue-se a bibliografia (p. 242-243); e uma sugestiva fotobiografia do homenageado, da responsabilidade de Luísa Fernandinho e Sónia Abreu (p. 244-255) precede o «catálogo de documentos, manuscritos e outros, de Francisco Tavares de Proença Júnior, existentes na Biblioteca D. Fernando de Almeida do Museu – Depósito do Dr. António Abrunhosa» (p. 256-261), minucioso trabalho de Maria Eduarda Rodrigues (só referida no índice) que também justamente se aplaude.

Perdoam-se, enfim, a referida dificuldade no manuseamento e a extrema densidade da informação em apertada mancha tipográfica. A beleza das ilustrações e a original e excepcional riqueza do conteúdo de pronto no-las

fazem esquecer – porque esta é já uma obra de referência obrigatória nos estudos da Arqueologia nacional. Do ponto de vista museológico, não se poderia esperar melhor.

José d'Encarnação